



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação I
Educador: João Nascimento Borges Filho**

Positivismo e Educação

**“Quando eu chego em casa nada me consola, você está sempre aflita...
Eu quero ir embora, eu quero dar o fora, e quero que você venha comigo”
(Caetano Veloso)**

Debater acerca da temática “Positivismo e Educação” é bastante apaixonante e ao mesmo tempo um grande desafio, pois se observa a necessidade de não esquecermos dois assuntos não menos importantes, e intrínsecos à eles que são: conhecimento e ideologia.

A educação tem sido alvo dos mais diversos tipos de debate em nossos dias. Escutam-se discursos inflamados, no sentido de prioridade nacional, posicionamentos conservadores, revolucionários etc., todos acompanhados de “diagnósticos e receitas”, que visam solucionar as deficiências e fracassos da educação contemporânea. Concomitantemente a essas questões surgem os métodos de educar. Porém, é necessário ressaltar que a preocupação com a educação não é privilégio dos nossos dias, nem da escola nos moldes atuais.

Os povos primitivos, segundo Monroe, procuravam educar com o objetivo de ajustar a criança ao ambiente físico e social. Essa educação ocorria através da experiência das gerações passadas, onde o primeiro passo era a imitação, depois temos a iniciação que poderia ser breve ou durar anos. A iniciação educativa apresentava: valor moral, valor social e político, valor religioso e valor prático; tais ensinamentos eram adquiridos através dos feiticeiros, curandeiros, xamãs, etc. Portanto, estes constituíam a classe de professores mais primitivos.

Na transição da sociedade primitiva para os primeiros estágios da civilização, observa-se a substituição da organização genética pela política e a formação da linguagem escrita e da literatura. Desde as primitivas civilizações



orientais e nas escolas chinesas aprendia-se a dominar as formas de linguagem e decorar os textos sagrados, fazer decorar era o objetivo maior do professor para com o aluno. A educação hindu não apresentava muita diferença e a judaica não possuía escolas para todos, mas concentrava a educação na lei contida na bíblia e no talmude.

Na Grécia, que é considerada o berço da civilização ocidental, aparece um novo conceito de educação que ainda hoje é denominada de liberal, pois se implanta a educação digna do homem livre (referente aos cidadãos livres da Grécia Antiga), significando a preparação para a cidadania, para o desenvolvimento intelectual da personalidade, o amor ao saber pelo saber (filosofia), e a ideia Socrática de que o indivíduo deve procurar conhecer a si próprio.

O método de Sócrates era a Maiêutica, onde objetivava o nascimento das ideias do próprio discípulo como se fosse um parto onde o mestre seria apenas o instigador, o provocador através do diálogo. Assim sendo, a educação e a busca do conhecimento deixam de ser imitação e informações prontas e pré-estabelecidas, pelas gerações adultas às gerações mais jovens, incentivando e encaminhando para a capacidade de pensar.

A teoria positivista recebe várias denominações, porém existe um “apelido” muito sugestivo e importante para o tema aqui abordado “Positivismo e Educação”, que é aquilo que os adversários do positivismo denominam de “Teoria Acadêmica”, já que esta teoria tem como alvo principal todo o sistema escolar, ou seja, as academias, as universidades, posto que são nesses locais que se formam as mentalidades. Portanto, nada mais propício para difundir as ideias de que a sociedade é regida por leis naturais, invariáveis e independentes da vontade e da ação humana, onde o indivíduo é um sujeito passivo e não um agente ativo na construção da realidade e da história.

A segunda fase da teoria positivista segue uma diretriz conservadora da sociedade, através de dois grandes teóricos: Comte e Durkheim, que a entendem pela busca de um conhecimento neutro, livre de ideologias, de pré-juízos e de juízos de valor. Mas, é Durkheim a maior referência de boa parte da literatura positivista, já que a transforma na perspectiva básica da ciência social universitária, acadêmica ou burguesa, afirmando que a tarefa do positivismo é explicar aos estudantes que os fenômenos psíquicos e sociais



são como os fatos naturais que não dependem da vontade humana, portanto, as revoluções são tão impossíveis quanto os milagres.

Durkheim declara, numa das passagens do Prefácio de: *As Regras do Método Sociológico*, que o seu método não tem nada de revolucionário, pelo contrário, ele é bastante conservador, pois considera os fatos sociais como coisas cuja natureza não pode ser modificada pela vontade humana. É com esta concepção que Durkheim trabalha todo seu raciocínio sobre educação, já que os fatos são como se demonstram e não como nós pensamos.

Devemos buscar as características exteriores comuns como objeto de investigação, caso contrário não é educação, pois, no seu entender, “Educação” é a influência de gerações mais velhas para as mais novas. Essa educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial que a criança particularmente se destina que é a socialização.

Segundo o pensamento Durkheimiano, as novas gerações apresentam flexibilidade para assimilar, internalizar e reproduzir os valores, normas e experiências das gerações mais velhas. Esta prática coercitiva imposta ao indivíduo é para o seu próprio bem, pois, assim, a natureza egoísta é substituída, após a educação, por uma solidariedade imprescindível para a ordem, para o progresso e para a harmonia social.

Émile Durkheim argumenta como positiva e necessária a intervenção do Estado no que se refere à Educação. Em sua obra *Educação e Sociologia*, diz que a ação do Estado não pode ser restrita, mas que deve lembrar aos mestres quais são as ideias e os sentimentos a serem repassados às crianças, pois a criança é um ser individual e a-social, que se encontra no estado de “tábula rasa”, daí a necessidade da educação ser um trabalho de autoridade, cuidadoso e que deva estar em constante vigilância.

P.S.: O texto foi produzido para servir como elemento reflexivo para os acadêmicos do Curso de Pedagogia da UNIFAP, na matéria Filosofia da Educação, ministrada pelo Sociólogo e Psicopedagogo João Nascimento Borges Filho, Docente efetivo desta IFES.

